



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

JACIMEY TAMYRES MACENA DE OLIVEIRA

**PRÁTICAS DESCONTEXTUALIZADAS NO ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA: Reflexões e proposta a partir do Estágio
Supervisionado de Letras**

**GUARABIRA – PB
2017**

JACIMEY TAMYRES MACENA DE OLIVEIRA

**PRÁTICAS DESCONTEXTUALIZADAS NO ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA: Reflexões e proposta a partir do Estágio
Supervisionado de Letras**

Trabalho de conclusão de curso de graduação, apresentado ao Departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em Letras, sob a orientação do Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins.

GUARABIRA – PB
2017

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

O48p Oliveira, Jacimey Tamyres Macena de
Práticas descontextualizadas no ensino de língua portuguesa
[manuscrito] : reflexões e propostas a partir do estágio
supervisionado de letras / Jacimey Tamyres Macena de Oliveira. -
2017.
20 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.
"Orientação: Juarez Nogueira Lins, Departamento de Letras".

1. Aulas Descontextualizadas. 2. Língua Portuguesa -
Ensino. 3. Gramática. I. Título.

21. ed. CDD 400

JACIMEY TAMYRES MACENA DE OLIVEIRA

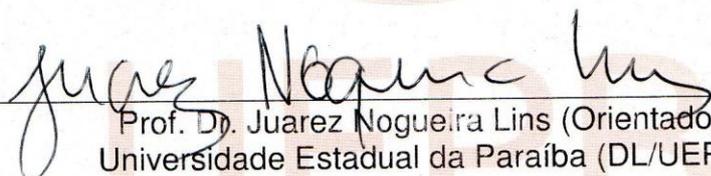
**PRÁTICAS DESCONTEXTUALIZADAS NO ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA: Reflexões e proposta a partir do Estágio
Supervisionado de Letras**

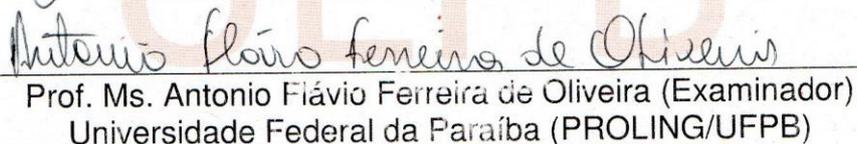
Artigo apresentado ao Programa de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Licenciada em Letras.

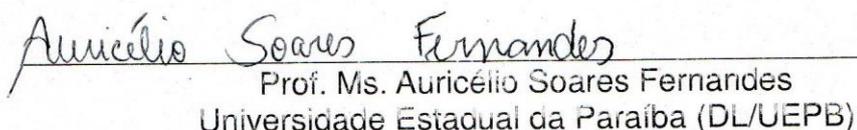
Área de concentração: Linguagem e Ensino

Aprovada em: 27/04/2017.

Banca Examinadora


Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (DL/UEPB)


Prof. Ms. Antonio Flávio Ferreira de Oliveira (Examinador)
Universidade Federal da Paraíba (PROLING/UFPB)


Prof. Ms. Auricélio Soares Fernandes
Universidade Estadual da Paraíba (DL/UEPB)

Resumo: Diante da necessidade de adequar o ensino as novas demandas educacionais, de articular os conteúdos escolares com os contextos em que eles são ministrados, de tornar o ensino, particularmente o de Língua Portuguesa (LP) atrativo para os alunos, este estudo objetivou refletir sobre algumas práticas descontextualizadas do ensino de LP, enfatizando a questão gramatical e ainda apresentar uma proposta de aula contextualizada. As práticas foram observadas durante a realização do Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa. Para efetuar essa reflexão, contou-se com alguns pressupostos teóricos advindos de Pimenta e Lima (2010), Alves (2016), PCN (1998), Antunes (2003/2014), Travaglia (2000), Geraldi (1996) e outros. Metodologicamente, se tratou de uma pesquisa qualitativa, bibliográfica, descritiva e interpretativista. Os resultados apontaram que as aulas descontextualizadas de LP, com algumas exceções, ainda predominam nas aulas de português e acontecem, principalmente, quando o conteúdo trabalhado é gramatical.

Palavras-chave: Aulas descontextualizadas. Aulas de LP. Gramática

Abstract: Faced with the need to adapt the teaching to the new educational demands, to articulate the school's contents with the contexts on what they are taught, to make (become) teaching, particularly (especially) the Language Portuguese (LP) attractive to the students, this study aimed: reflect about some no contextualized practices of LP's teaching, emphasizing the grammatical question and introduce a contextualized class proposal. The practices were observed during the achievement of the Language Portuguese's Stage Supervised. To effect this reflection, was counted with some theoretical (presupposed) assumptions coming from Pimenta e Lima (2010), Alves (2016), PCN (1998), Antunes (2003/2014), Travaglia (2000), Geraldi (1996) and others. Methodologically, a qualitative, bibliographic, descriptive and interpretative research. The results shows that the no contextualized LP's classes, with some exceptions, happens, especially when the content worked is grammatical.

Keywords: Classes no contextualized. LP's classes. Grammar.

PRÁTICAS DESCONTEXTUALIZADAS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: Reflexões e proposta a partir do Estágio Supervisionado de Letras

Jacimey Tamyres Macena de Oliveira
Orientador: Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins

1 INTRODUÇÃO

São históricas as discussões acerca de práticas metodológicas adotadas pelos docentes, para o ensino de Língua Portuguesa (LP). Discussões essas que se constituem em virtude dos insuficientes resultados obtidos pelos alunos no que diz respeito ao ensino-aprendizagem de uma Língua Portuguesa, nas escolas públicas brasileiras. Tais resultados estão presentes nas avaliações oficiais.

Hoje, uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos professores de língua materna é encontrar metodologias adequadas às necessidades atuais dos alunos, e assim amenizar os problemas de aprendizagem de Língua Portuguesa. Pois, provavelmente, um aluno que não consegue dominar bem os diferentes usos da língua materna poderá encontrar dificuldades de interagir efetivamente no meio social.

Mas, mesmo ciente dessas dificuldades, posturas tradicionais ainda prevalecem em muitas salas de aula e há muitos professores que ainda mantêm a perspectiva reducionista de estudo de palavras, e da frase descontextualizada. Nesse viés, a aprendizagem fica limitada, reduzida e conseqüentemente, acarretando no insucesso escolar. Enfim, na aula de português, ainda prevalece o ensino de gramática que se pauta em “decorar” regras, como se assim se pudesse aprender a língua portuguesa, como se o domínio dessas regras pudesse transformar o aluno em um usuário proficiente da língua. E assim, as aulas seguem, geralmente, descontextualizadas não articulando os conhecimentos dos alunos, com os conhecimentos da escola.

Os PCN'S (1998), elaborados para trazer contribuições teóricas para o professor, se manifesta contrário ao o ensino descontextualizado, por acreditar que os conteúdos têm que dialogar com os textos trazidos pelo aluno, dialogar com a

linguagem desses alunos, enfim, com o mundo que circunda a escola. Tendo em vista o ensino tradicional em algumas escolas, e a necessidade de contextualizar o ensino de língua portuguesa, objetivamos refletir sobre algumas práticas descontextualizadas do ensino de LP, enfatizando a questão da gramática e apresentar uma proposta de atividade contextualizada. Para atingir esse objetivo buscamos como subsídios teóricos os estudos de Alves (2016), PCN'S (1998), Antunes (2003/2014), Travaglia (2000), Geraldi (1996) e outros. Metodologicamente, tratou-se de uma pesquisa qualitativa, bibliográfica, descritiva e interpretativista. O instrumento de pesquisa foi a observação não participante e como amostra, 01 professor do ensino básico.

O artigo foi distribuído em (05) cinco tópicos: o primeiro apresenta o estudo em tela, teórico e metodologicamente. O segundo traz elementos sobre o estágio supervisionado, de modo geral, e especificamente sobre estágio no curso de Letras. O terceiro discute o conceito de contextualização no ensino. No quarto, apresentação de algumas práticas descontextualizadas e uma análise dessas práticas. No quinto e último tópico, a apresentação de uma proposta de atividade.

2. O ESTÁGIO SUPERVISIONADO: ALGUMAS REFLEXÕES

não é suficiente, para ser professor, saber os conteúdos dos manuais e dos tratados; conhecer as teorias da aprendizagem; as técnicas de manejo de classe e de avaliação; saber de cor a cronologia dos acontecimentos educativos; nomear as diversas pedagogias da história. (ANDRADE, 2005, p. 1)

Partimos dessa epígrafe para discutir a necessidade de articulação entre os conhecimentos teóricos e os conhecimentos práticos. Ser professor prescinde dessa articulação, tanto que o Estágio supervisionado é uma exigência da LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96 nos cursos de formação de professores, como é o caso das licenciaturas do Campus III, da Universidade Estadual da Paraíba. Do ponto de vista teórico, o Estágio Supervisionado é uma atividade que permite ao aluno (a) adquirir um mínimo de experiência profissional, importante para inseri-lo no mercado de trabalho

(PIMENTA e LIMA, 2010). Embora não seja garantido que o (a) aluno (a) que realiza o estágio, possa adquirir essa experiência mínima.

Esses alunos (as) devem cumprir uma carga horária pré-estabelecida pela instituição de Ensino, ao qual estão vinculados (as). E esta prática é o primeiro contato que o futuro professor terá com seu possível campo de atuação. Segundo Passerini (2007) por meio da observação, da participação e da regência, o licenciando poderá construir futuras ações pedagógicas.

Durante o estágio o futuro professor passa a enxergar a educação com outro olhar, procurando entender a realidade da escola e o comportamento dos alunos, dos professores e dos profissionais que a compõem. E desse modo, o Estágio Supervisionado cumpre o objetivo: proporcionar ao aluno a oportunidade de aplicar seus conhecimentos acadêmicos em situações da prática profissional, criando a possibilidade do exercício de suas habilidades. O Estágio, desse modo, possibilita aos estudantes vivenciarem o que aprenderam durante a graduação. Espera-se que, com isso, que o aluno tenha a opção de incorporar atitudes práticas e adquirir uma visão crítica de sua área de atuação profissional, ou seja, relacionar teoria e prática. Por isso, o Estágio Supervisionado é considerado um elo entre o conhecimento construído durante a vida acadêmica e a experiência real, que os discentes terão em sala de aula quando profissionais (BIANCHI, 2005).

E para que assim, os professores possam exercer o verdadeiro papel de cidadão dentro do contexto social, atuando como um agente multiplicador de conhecimentos, contribuindo com a formação de mais cidadãos participativos e possuidores de espírito crítico, verdadeiro objetivo da Educação. Com isso fica clara a importância desta atividade, que traz imensos benefícios para a aprendizagem e para a melhoria do ensino e principalmente para o estagiário. Assim, os maiores beneficiados será a sociedade e, em especial, a comunidade a que se destinam os profissionais egressos da universidade. Entretanto, ainda não é dada a real importância ao Estágio.

No Curso de Letras do Campus III, da UEPB o Estágio supervisionado se distribui ao longo de três períodos: Estágios Supervisionados I, II e III.

O Estágio Supervisionado I cuja carga horária é de 100h, consiste na observação, investigação, reflexão e problematização da prática relacionada à sala

de aula. Esta etapa se caracteriza como fase preparatória à elaboração do planejamento a ser apresentado como norteador das ações do processo ensino e aprendizagem a serem executadas nas próximas etapas, as regências de aulas no Ensino Fundamental e Médio. Ao final desta etapa, o aluno deverá apresentar um relatório das atividades/observações realizadas junto com as reflexões e encaminhamentos de proposições de intervenção nas futuras regências.

Os Estágios Supervisionados II e III, cujas cargas horárias são respectivamente de 150 e 150h, consistem na fase de execução, intervenção na prática de sala de aula. Nestas etapas põe-se em prática o planejamento elaborado na etapa anterior. De acordo com as possibilidades das escolas-campo, os alunos entram em contato com os professores e juntos adaptam o planejamento trazido, das realidades das escolas, às da sala de aula. Nestas fases, o professor orientador de estágio assume papel relevante, funcionando como observador/orientador e facilitador do processo de crescimento do estudante, mediante acompanhamento e avaliação das aulas, ministradas nas escolas-campo. O Manual de Estágio Supervisionado¹ (2016.2) traz as seguintes orientações sobre esse processo, no curso de Letras-Português:

Apresentação dos alunos, do Plano de Curso, Entrega das Fichas de Observação e Regência, Discussão sobre as aulas de Língua Portuguesa, a postura do professor de língua portuguesa;
Construção de Projetos Didáticos de Língua Portuguesa;
Observação de 16h, sendo 08 no Ensino Fundamental e 08 no Ensino Médio;
A aula de Língua Portuguesa a partir de gêneros textuais;
Preparação de planos de aula de Língua Portuguesa para regência no Campus;
Critérios para análise do Livro Didático de Língua Portuguesa;
Regência de micro/aulas de língua portuguesa no campus: preparação para as regências;
Ida às Instituições de Ensino para discutir com os gestores e professores as regências, bem como coletar de dados: sobre as escolas, sobre o professor e a disciplina de língua portuguesa – horários, conteúdos, planejamento;
Planejamento das Regências;

¹ Manual elaborado e utilizado pela Coordenação de Estágio do Curso de Letras, com fins didáticos de orientação para professores e alunos.

Regência de 16 horas-aula de Língua Portuguesa (**Ensino Fundamental e Médio**) em escolas públicas localizadas em Guarabira;

Apresentação das fichas de registro de aula, ficha de avaliação dos professores, planos de aula, os textos utilizados, anotações sobre as turmas e as escolas e discussão sobre as regências realizadas;
Orientações em sala de aula do relatório de regência;
Entrega do Relatório Final de Estágio (Regência).

Trata-se de um planejamento didático para que os (as) discentes possam, ao finalizar o curso de letras, ter uma ideia daquilo que representa ensinar língua portuguesa na escola pública, quais as dificuldades, os avanços, as possibilidades. Acredita-se que apesar do pouco tempo na sala de aula, propiciado pelo Estágio Supervisionado de Letras, ele seja um referencial para o exercício do magistério na área de LP, indo além do tradicional, tentando a contextualização da linguagem. No tópico seguinte, abordaremos os significados de contextualização, aula contextualizada e, como se deve construir essa prática, na aula de língua portuguesa.

3. SOBRE CONTEXTUALIZAÇÃO E AULA CONTEXTUALIZADA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA (LP)

Este tópico irá discorrer sobre alguns significados do verbo contextualizar e da expressão aula contextualizada, quando voltados para o âmbito educacional: o ensino básico, a sala de aula.

3.1 A CONTEXTUALIZAÇÃO: ALGUNS SIGNIFICADOS

[...] seria uma perspectiva de estudo dos fenômenos gramaticais, ou uma estratégia de exploração do componente gramatical do texto, tomando como referência de seus valores e funções os efeitos que esses fenômenos provocam nos diversos usos da fala e da escrita. (ANTUNES 2014, p. 46).

Para que a aula de gramática surta algum efeito, no dizer de Antunes, deve se considerar os valores e funções dos conteúdos, seus usos cotidianos, sua adequação aos novos momentos. Segundo Alves (2016), diante das novas

demandas de ensino, dentre elas as de língua portuguesa, se faz necessário discutir sobre a necessidade de contextualização dos conteúdos gramaticais. Desde os anos de 1990, os documentos oficiais (Lei de Diretrizes e Bases e os Parâmetros Curriculares Nacionais) colocaram em pauta uma crítica ao ensino tradicional. Esses documentos pretendiam contribuir para o desenvolvimento de novas reflexões docentes sobre as práticas pedagógicas vigentes, tendo em vista a nova demanda de alunos que passou a estar inseridos, desde então, no espaço escolar, e a necessidade de formação cidadã (ALVES, 2016). Desta forma, surgia a proposta de *contextualizar* os conteúdos didáticos, para que esses pudessem adequar o ensino formal às necessidades atuais dos alunos.

A própria LDB destaca que a educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social dos educandos. Defende assim, a proposição de que a educação não se limita à escola, mas abrange diversos contextos sociais. Apoiando-se neste ideal de ensino no que diz respeito ao ensino de LP, inicia-se a propagação de estudos linguísticos mais aprimorados, opondo-se à tradição normativa persistente no ensino de língua materna (ALVES, 2016). Tão persistente, que ainda hoje, permanece em boa parte das salas de aula. Assim, em Língua Portuguesa, os PCN'S (BRASIL, 1998) propõem principalmente a valorização das hipóteses linguísticas elaboradas pelos alunos no processo de reflexão sobre a língua e, a articulação dos conteúdos com textos reais. Tudo isso reflete implicitamente a necessidade de contextualização do ensino.

Do ponto de vista do dicionário, contextualizar significa se “integrar num contexto” ou ainda “prover de contexto”. Sendo que, *contexto*, diz respeito à “inter-relação de circunstâncias que acompanham um fato ou uma situação” (HOUAISS, 2011, p.229). Do ponto de vista Etimológico, derivando de *contextus, us, contexere* significa “entrelaçar, reunir tecendo”. Trazendo para a Educação, de maneira geral, contextualizar é “o ato de vincular o conhecimento à sua origem e à sua aplicação”. Assim, contextualizar significa tecer relações entre um determinado conhecimento e às possíveis situações as quais ele possa se interligar (ALVES, 2016).

Ao verificar algumas representações sobre a contextualização de conteúdos de Língua Portuguesa nos PCN'S, verificamos que este se refere a aspectos como: a relação entre sujeito e objeto o papel do aluno como participante e não como

sujeito passivo; o ato de compreender, inventar, reconstruir; a relação com as áreas e aspectos presentes na vida social, pessoal e cultural do aluno, entre outros. Relações que constituem a verdadeira essência do conhecimento.

Um conhecimento só é pleno se for mobilizado em situações diferentes daquelas que serviram para lhe dar origem. Para que sejam transferíveis a novas situações e generalizadas, os conhecimentos devem ser descontextualizados, para serem novamente contextualizados em outras situações (BRASIL, 1997)

Contextualizar seria então, provocar no aluno o interesse em comunicar com algo ou alguém, com sua realidade e com outras, articulando as duas, desconstruindo e as reconstruindo. Comunicar-se com o texto, interagir com o outro e consigo mesmo. Criar situações problematizadoras, que instiguem alunos a pensarem, em busca de conhecimento, preparando-se para o aprendizado de maneira coerente.

Segundo Antunes (2014) a análise de frases soltas, descontextualizadas, não favorece o reconhecimento entre linguagem e seus contextos de uso, muito menos o reconhecimento da classe gramatical ou função sintática. Nesse caso, o ensino da gramática não tem sentido. O professor, em seu trabalho de sala de aula, necessita realizar uma recontextualização do saber, ou seja, procurar situações que deem sentido aos conhecimentos que devem ser ensinados (ANTUNES, 2014). O ensino contextualizado deve se aproximar da cultura, da língua, da região, enfim, da identidade do aluno (a).

A aula contextualizada dá espaço às áreas do conhecimento, o (a) discente acaba compreendendo o motivo de estar aprendendo a gramática dentro do contexto e passa a se interessar por ela, a despertar interesse pelo estudo da língua. A prática contextualizada passa a imagem da própria vida, a aprendizagem é extraída das situações encontradas, na própria leitura, ela está sempre aberta a novas táticas de abordagem. Ela desse modo, pode: “[...] desenvolver o senso crítico do aluno, ensiná-lo a pensar melhor, aguçar suas facilidades de observação e pesquisa, sua imaginação, sua memória e os novos horizontes de sua comunicação” (ANTUNES, 2003. p. 63).

Desse modo, estudar a gramática é de grande importância e deve continuar sendo, visto que o aluno (a), reconhecendo as estruturas que compõem a língua, poderá utilizá-la de um modo coerente. Para isso é necessário procurar meios e métodos para que seja possível trabalhar em sala, de modo contextualizado, uma gramática voltada para os usos.

A contextualização deve assim, mobilizar áreas ou dimensões presentes na vida pessoal, social e cultural dos sujeitos envolvidos, ou seja, dos alunos e na própria língua portuguesa, além de trazer à tona competências cognitivas já adquiridas anteriormente. No próximo tópico, iremos destacar algumas reflexões sobre práticas descontextualizadas na Escola Básica, vivenciadas durante a realização do Estágio Supervisionado I.

4. PRÁTICAS DESCONTEXTUALIZADAS NA ESCOLA BÁSICA: OBSERVAÇÕES DO ESTÁGIO SUPERVISIONADOS

A escola é um espaço social, palco de vivências interativas, de situações de linguagem. É preciso avivar a consciência de que a linguagem está em pleno uso também na sala de aula, com muitas funções diferentes. Ela não é alguma coisa que está 'fora da escola', sobre a qual se está apenas falando. (ANTUNES, 2014, p. 50)

Durante as observações do Estágio Supervisionado acompanhamos a professora X, durante 04h/aula e, dessas observações, seguem um breve e sucinto relato, contido no nosso relatório de estágio de observação.

Na aula 01, sobre figuras de linguagem, o tempo só deu para fazer a chamada e copiar o conteúdo no quadro, a maioria dos alunos não trouxe os livros. Na aula seguinte, a professora explicou o conteúdo tal qual o copiou e sua forma de exemplificar os tipos de figuras de linguagem era através de frases feitas. Cabe aqui ressaltar um dos poucos momentos em que uma aluna manifestou-se por ter uma dúvida quanto à figura de construção - polissíndeto em que a professora fez a seguinte anotação: Polissíndeto: consiste na repetição de conectivos ligando termos da oração ou elementos do período. A professora copiou no quadro esses versos:

E sob as ondas ritmadas
E sob as nuvens e os ventos
E sob as pontes e sob o sarcasmo
E sob a gosma e sob o vômito (...)²

A aluna fez a seguinte observação “professora, então aí tem polissíndeto por que tem a repetição de 03 conectivos: o, e, as, e, o, o”? Através da pergunta ficou claro que a aluna não compreendeu a definição da professora do que seria polissíndeto, ou mesmo que aquela aluna não domina qual a função de um conectivo, uma oração e nem um artigo, já que afirmou que “as e os” são conectivos. A professora tentou esclarecer que “as e os” não eram conectivos, mas artigos. Para verificar o nível de aprendizagem dos alunos e reforçar o conteúdo, a professora passou um exercício para casa. Solicitou que os alunos não esquecessem o Livro didático.

Na aula seguinte, observamos que apenas cinco alunos haviam respondido a atividade e interagiram com a professora. Os demais simplesmente anotaram as respostas. Iniciou regência da aula sobre o gênero textual cantiga popular, a professora planejou algo atrativo aos alunos, pois levou um CD e em uma folha xerocopiada as canções que seriam trabalhadas. A aula aconteceu a partir da observação da letra da música feita em leitura silenciosa, após a execução da música. Em seguida a professora estimulou os alunos a tentarem interpretar sobre o que falava a música em qual espaço acontecia, quais as características e se nela havia marcas orais. Após isso, a professora fez a anotação das características do gênero canção popular e mostrou-as dentro do texto trabalhado. Durante a atividade ela utilizou o texto para explorar o conteúdo de Orações Subordinadas que foi ministrado em aulas anteriores e que estava programado para ser conteúdo de prova. Iniciou em seguida, uma breve revisão das orações subordinadas, através do LD.

Através desse relato pudemos observar as seguintes práticas de ensino de língua portuguesa: o ensino de leitura, a leitura silenciosa e a leitura para interpretar o texto. Nessa prática a discussão mais ampla sobre o texto não aconteceu, a fruição da leitura não ocorreu. A outra prática, a gramatical, segue o

² Versos escritos na lousa, pela professora, de autoria desconhecida.

modo tradicional, ou seja, tendo como base de seu ensino a memorização de regras e nomenclatura. Nesse caso ocorre uma fuga da realidade de comunicação verbal. Antunes, discutindo essa prática, apresenta a seguinte lista de ocorrências na forma de problemas/equívocos, apresentadas a seguir:

Uma gramática descontextualizada: os conteúdos são trabalhados fora dos usos reais da língua...
Uma gramática fragmentada: os elementos são trabalhados em frases soltas e isoladas, sem contexto;
Uma gramática da irrelevância: as questões elaboradas são apenas para que os alunos memorizem as regras e saibam diferenciá-las;
Uma gramática voltada para a nomenclatura e classificação das unidades;
Uma gramática inflexível: petrificada, de uma língua supostamente uniforme e inalterável, irremediavelmente fixada num conjunto de regras que constam nos manuais;
Uma gramática predominantemente prescritiva: preocupada apenas com os acertos (2003, p.31-33).

Para concluir esta breve análise, podemos fazer as seguintes inferências: as aulas de LP, principalmente aquelas voltadas para a gramática, ainda fogem dos propósitos da interação, propostos pelos PCN e por inúmeros estudos sobre essa problemática, no Brasil. Ignoram os contextos e perdem de vista a relação que se deveria estabelecer entre o conteúdo ensinado na escola e o conteúdo vivido fora dela (GERALDI, 1993).

5. APRESENTAÇÃO DE UMA PROPOSTA DE AULA CONTEXTUALIZADA

Neste último tópico apresentamos uma proposta de aula contextualizada, que envolve os contextos de **sala de aula**: a leitura, a produção escrita, o gênero, a tipologia, as questões para interpretação, os conteúdos gramaticais: orações subordinadas, pronomes, conjunções, e envolvendo ainda outros contextos textuais, o contexto temático, texto real, o contexto social e pessoal do aluno. Com o objetivo de explorar as várias possibilidades do texto, além do puramente gramatical. A aula seria destinada ao 2º ano do ensino médio. A seguir, apresentamos a atividade:

Leia o texto:

“Mulher gosta de apanhar?”

É um dos documentos mais chocantes já produzidos no Congresso sobre nossa barbárie – há relatos capazes de virar o estômago das pessoas mais insensíveis. Deveria ser leitura obrigatória para quem coloca os direitos humanos na sua agenda de preocupações. Está em fase de redação final um texto sobre a violência contra a mulher *no* Brasil a ser divulgado nos próximos dias. E, mais uma vez comprova-se a lei da covardia social: quanto mais frágil é um cidadão, maior a crueldade.

Resultado da investigação promovida pela CPI da Violência contra a Mulher, o documento mostra como está enraizada em nossa sociedade a agressão – e, no caso das mulheres, acrescenta-se a agressão sexual. A cada dia são registradas, em média, 337 *reclamações* de vítimas. (A) **como a maioria não tem coragem** ou informações sobre seus direitos, tal número é apenas uma pálida projeção sobre a realidade.

De todos os casos, 50% referem-se à lesão corporal – na maioria das vezes, segundo a CPI, baseada em estatísticas fornecidas por 20 Estados, são provocados pela recusa do sexo forçado. São as mais variadas manifestações de violência. O documento *apresenta* nomes que humilham suas funcionárias. Outras que induzem ao aborto ou a esterilização, proibindo a gravidez.

É uma coleção interminável de pequenas e grandes crueldades. O estupro continua sendo uma prática comum – 50% praticados dentro da própria família. Como não poderia deixar de ser, apanha mais quem pode menos. (B) **Quanto mais ignorante e pobre a vítima é**, maior a violência. É sabido, sabidíssimo aliais que policiais, supostos guardiões da ordem, exploram sexualmente as prostitutas – o controle é mantido na surra.

São **esses** tipos de informação que revelam, de fato, nosso perfil político. Estranho país, o Brasil: consegue dar uma lição de democracia ao tirar um presidente, *servindo* como exemplo mundial. Destituiu um político corrupto que estava no poder. Mas, ao mesmo tempo, permite exemplos de violência que ferem o direito comum de cada cidadão.

A verdade é que, socialmente, estamos na Pré-História. Prova **disso** é que documentos como os da CPI da Mulher estão fadados a gerar repercussão inversamente proporcional à sua importância.

Folha de São Paulo, 29/11/1992 – Gilberto Dimenstein.

EXPLORANDO AS POSSIBILIDADES DO TEXTO:

1. Em que meio de comunicação de massa o texto foi veiculado? Você concorda com a veiculação desse tipo de texto, nesse meio de comunicação?
2. É possível afirmar que esse texto se destina a um público específico?
3. Qual a intenção do autor em colocar o título de forma interrogativa?

4. Este texto é objetivo ou subjetivo? Por quê?
5. Este texto é um artigo de opinião, em que um jornalista e/ou comentarista expõe o seu ponto de vista sobre um outro texto. Neste artigo predomina a narração, a descrição ou a dissertação? Exemplifique.
6. Como estão estruturadas as informações no texto?
7. De que forma o segundo parágrafo se relaciona com o primeiro?
8. No terceiro parágrafo, amplia-se o conceito de violência. Explique:
9. “A verdade é que, socialmente estamos na Pré-História”. Você concorda com a conclusão a que chega o texto? Por quê?
10. “As orações subordinadas adverbiais adquirem grande importância para a articulação adequada das idéias e fatos: é por meio delas que muitas vezes se expressam relações como causa, conseqüência, concessão, condição e outras.” Observando-se essa afirmação, indique as relações presentes nas orações adverbiais sublinhadas (A) e (B) no texto.
11. No texto, as palavras **esses** e **disso** foram sublinhadas intencionalmente. A que elas se referem no texto?
12. Observe e comente as diferenças de sentido produzidas nos períodos abaixo pelo uso das orações subordinadas adjetivas restritivas e explicativas:
- a) Destituiu um político corrupto que estava no poder.
b) Destituiu um político corrupto, que estava no poder.
13. Ao preferir uma das formas acima o que pretendia o autor do texto?
14. Que palavras do texto são próprias do contexto a seguir? Comente.
- Mulher
 - Violência
 - Política
 - Justiça
15. A violência, seja ela de que tipo for é uma fatalidade que atinge a humanidade desde os primórdios. E desde as mais antigas épocas ela é registrada historicamente e artisticamente. A literatura também retrata a violência como veremos a seguir:

Pequena Crônica Policial

Jaz no chão, sem vida,
E estava toda pintada!
Nem a morte lhe emprestara

A sua grave beleza...
 Com fria curiosidade,
 Vinha gente a espiar-lhe a cara,
 As fundas marcas da idade,
 Das canseiras, da bebida...
 Triste da mulher perdida
 Que um marinheiro esfaqueara!
Vieram uns homens de branco,
Foi levada ao necrotério.
 E quando abriam, na mesa,
 O seu corpo sem mistério,
 Que linda e alegre menina
Entrou correndo no céu?!
 Lá continuou como era
 Antes que o mundo lhe desse
 A sua maldita sina:
 Sem nada saber de nada...
 Com a trança comprida,
 Os seus sonhos de menina,
 Os seus sapatos antigos! (QUINTANA, Mário)

16. Que relações se estabelecem entre os dois textos?

17. O primeiro texto é um artigo de opinião onde predominam argumentos em forma de exemplificações, informações estatísticas e opinião do autor do texto. O que podemos inferir do segundo texto. A que gênero textual ele se enquadra, quais elementos da forma comprovam a afirmação?

18. Tente a partir de pistas existentes no texto, responder as seguintes questões:

- O que aconteceu?
- Quando aconteceu?
- Onde aconteceu?
- Com quem aconteceu?
- Por que aconteceu?
- Qual o desfecho do acontecimento?

19. A partir das respostas dadas na questão anterior pode-se afirmar que o tipo textual predominante no texto é:

- Descritivo, narrativo ou dissertativo?
- É possível situá-lo historicamente num determinado momento histórico, seja pelo conteúdo abordado, seja pela autoria do texto.
- Que elementos do texto comprovam sua(s) afirmação(ões)?

20. Neste texto as classes gramaticais mais importantes são os verbos e os adjetivos. Explique o uso gramatical destes.

Não houve oportunidade para a aplicação desta atividade, nas aulas observadas, haja vista que na etapa seguinte do estágio supervisionado de regência, estagiamos em outra escola, em turmas diferentes. No entanto, é

possível perceber, que a atividade, mesmo sem privilegiar a gramática, não a nega e nem se afasta dela. Os elementos gramaticais são necessários, mas a favor do texto como afirma Antunes (2003), a seu serviço, e não o contrário. Enfim, se torna válido por que consegue contextualizar, ou seja, significa apresentar o conteúdo ao aluno por meio de uma situação problema, compatível com uma situação real que possua elementos que deem significado ao conteúdo gramatical trabalhado na aula, provocando no aluno a necessidade de comunicar algo a alguém, de representar uma situação, de discutir sobre essa situação criada e sobre o que está envolvido nela (ALVES, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio de observação teve importância fundamental na nossa formação. Ele nos permitiu uma reflexão sobre as práticas docentes constituídas, cotidianamente, nas escolas públicas. Lançar nosso olhar sobre o a disciplina de Língua Portuguesa, sobre metodologias e conteúdos. E dessa forma, contribuiu para nossa formação enquanto licencianda em Letras.

Com base nas teorias e nas observações da prática docente, pude compreender alguns desencontros: a prática docente muitas vezes se apresenta aquém daquilo que prescrevem os teóricos da linguagem, as orientações oficiais do Ministério da Educação, da LDB e assim por diante. O Ensino contextualizado, adaptado as mudanças sociais, produtivo e formador de alunos (as) conscientes, críticos, cidadãos, ainda não se concretizou apesar dos esforços de alguns professores (as) e de alguns alunos (as).

Sabemos que há questões advindas de fora da escola e que afetam o desempenho da sala de aula, mas voltando-se para este espaço, principalmente a aula de LP, há algumas questões: aula com foco principal nos conteúdos gramaticais, uso predominante do Livro didático, outros recursos didáticos usados de forma esporádica, pouco planejamento, inquietação e pouca cooperação dos alunos (as)... Enfim, aulas, em sua maioria, descontextualizadas. Ainda predomina um ambiente sem muita conexão com a realidade atual, dos alunos, dos conhecimentos, daquilo que deveria ser a escola hoje.

Sabemos que esse ensino descontextualizado se torna cada vez mais enfadonho para os alunos, tendo em vista que eles não sentem prazer, entusiasmos, estímulo por atividades estáveis, monótonas, sem sentido. Também acreditamos que esse tipo de ensino não é atraente, também para os (as) docentes. Mas ele ainda resiste. Também resistem contra eles alguns professores (as), que tentam dinamizar, contextualizar as aulas, muitas vezes, sem auxílio de uma teoria que o guie, mais com muita vontade de mudar. Para não apenas observar e voltar para a universidade, deixamos uma proposta, que pelo menos se aproxima daquilo que entendemos por aula contextualizada (buscar uma conexão com os saberes dos alunos), sem, no entanto, querer nos colocar como aquela que vai introduzir mudanças em uma realidade secular. Saímos com a sensação que a teoria e a prática precisam se articular com muita urgência, para o bem da universidade, da escola e dos professores (as) de língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Arnon Mascarenhas de Andrade. O Estágio Supervisionado e a Práxis Docente. In: SILVA, Maria Lucia Santos Ferreira da. (Org.). Estágio Curricular: Contribuições para o Redimensionamento de sua Prática. Natal: EdUFRN, 2005. Disponível em: www.educ.ufrn.br/arnon/estagio.pdf; acesso em: 15 jul. 2008.

ANTUNES, Irandé. Aula de português: encontro e interação. São Paulo: Parábola, 2003.

_____. Gramática contextualizada: limpando o pó das ideias simples. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BAGNO, Marcos. Língua Materna: letramento, variação e ensino. São Paulo: Parábola, 2002.

BIANCHI, A. C. M., et al. Orientações para o Estágio em Licenciatura. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais, Língua Portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental – Brasília, 1997.

GERALDI, João Wanderley. O Texto em Sala de Aula. São Paulo: Ática, 1999.

_____. O Texto em Sala de Aula. São Paulo: Ática, 2006.

_____. Linguagem e Ensino: Exercícios de Militância e Divulgação. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

PASSERINI, G. A. O estágio supervisionado na formação inicial de professores de matemática na ótica de estudantes do curso de licenciatura em matemática da UEL. 121f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina: UEL, 2007.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. Estágio e docência. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2010.